

O ENSINO DE HISTÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE: METODOLOGIAS E LINGUAGENS

Claudio Luiz Orço*
Gabriele Juli Gandolfi**
Vivian Tuzzi***

Resumo

Este estudo teve por objetivo analisar as possibilidades metodológicas e as linguagens didáticas que facilitam o ensino de História em sala de aula para estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Com as mudanças nas concepções de pesquisar história, a partir da Nova História, e, conseqüentemente, a ampliação das fontes de pesquisa, possibilitou-se um novo olhar sobre o presente, o passado e o futuro. Os materiais didáticos também foram ganhando novas abordagens com novas metodologias e diferentes linguagens, e tornou-se possível ao professor a utilização de materiais ou tecnologias disponíveis no cotidiano para fazer concessões entre a realidade do aluno e o conteúdo estudado em sala de aula. Muitas vezes, com o apoio do próprio livro didático, pode-se conduzir o processo de ensino e aprendizagem, analisando e problematizando imagens, documentos, mapas, filmes e músicas. Porém, tais fontes necessitam de tratamento adequado, conforme os instrumentos historiográficos, pois mesmo se tratando da educação básica, não se pode abandonar aspectos de pesquisa inerentes à história.

Palavras-chave: Ensino. História. Linguagens.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muitas são as concepções e métodos de estudar, pesquisar e ensinar a história. Essas mudanças na concepção de história trouxeram novos temas para além da história política, ou seja, da oficial, e, com elas, novas fontes passaram a ser pesquisadas a partir da primeira metade do século XX. A vida política deixa de ser estudada com exclusividade e “tudo o que fornecesse informação sobre a vida humana aos poucos foi incorporado ao universo das fontes históricas.” (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 11).

A Nova História vem para inovar a forma de pesquisar e estudar a história, com visões e abrangências diferentes das anteriores, processo que aos poucos foi ganhando uma nova forma de pensar a história política. Conforme Bloch (1942 apud GOFF, 2003, p. 107) “[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele.” Isso mostra que novas fontes de pesquisa foram incorporadas, possibilitando um novo olhar sobre o presente, o passado e o futuro.

Apesar de o processo ser lento em sala de aula, nela ocorreram modificações, e com o passar do tempo, o surgimento de novas concepções fez com que o ensino de História, quase sempre aprendida por meio da memorização dos fatos, geralmente políticos, escolhidos e transcritos por historiadores com concepções diversas, fosse abrindo espaço para a incorporação de materiais didáticos críticos e reflexivos, trazidos pelo movimento da Escola Nova. Assim, ampliou-se o leque de pesquisa e, conseqüentemente, os materiais didáticos foram ganhando novas abordagens com novas metodologias e diferentes linguagens.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo; Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo; Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio Histórico (Geppac) da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Rua Dirceu Giordani, 696, Jardim Tarumã, 89820-000, Xanxerê, SC; claudio.orco@unoesc.edu.br

** Graduada em História; Graduada em Direito na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; gabriele.gandolfi@unoesc.edu.br

*** Especialista em Gestão de Pessoas; Graduada em Direito na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; vivian.tuzzi@unoesc.edu.br

Mas nem sempre as novas linguagens são percebidas e trabalhadas em sala de aula pelos profissionais da área da História, pois sua formação, às vezes, não lhes permite avançar no processo de formação de uma concepção crítica dos fatos, ficando como meros anexos, apêndices e ilustrações de texto, que precisam ser contextualizados e problematizados, aproveitando as novas possibilidades que a Nova História proporciona, transitando pela História Marxista e História Cultural.

2 O ENSINO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA

Na primeira metade do século XX, mudanças na concepção de história trouxeram novos temas que foram além da história oficial e, com elas, novas fontes passaram a ser pesquisadas; conforme Le Goof (2003), estudar a história é estudar a experiência humana ao longo do tempo. A sala de aula contemporânea foi aos poucos incorporando tais possibilidades para estudar história, os materiais didáticos foram ganhando novas abordagens com nova metodologia e linguagem, além de novas tecnologias que foram agregando as abordagens e as metodologias didáticas.

Entre esses materiais está o livro didático, segundo Bittencourt (1998, p. 72):

O livro didático tem sido, desde o início do século XX, o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aulas e condições pedagógicas, servindo como mediador entre a proposta oficial do poder expressa nos programas curriculares e o conhecimento escolar ensinado pelo professor.

É necessário ter cuidado ao utilizar somente esse tipo de material, pois, “[...] é preciso utilizar materiais que permitam a construção do texto histórico e atividades intelectuais que encaminhem o aluno para o desenvolvimento do pensamento histórico.” (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 13). Não se está falando que o livro didático não serve, ou que não possibilita tais expectativas, porém, o professor precisa estar preparado e consciente de suas limitações e projeções.

Nesse aspecto, o livro didático atende a muitos anseios; segundo Bittencourt (1998, p. 72), além de ser um “[...] importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de cultura,” criando, muitas vezes, estereótipos de valores dominantes, o papel do livro didático pode ser um instrumento de reprodução de ideologia e do saber oficial imposto por determinados setores de poder e pelo Estado, dependendo da formação do professor e do senso crítico dos seus alunos.

No contexto atual em que a sociedade oferece muito mais aos adolescentes e jovens do que a escola, o profissionais da educação precisam ter consciência dos aspectos políticos, sociais e culturais, para melhor problematizar os conteúdos utilizando novas linguagens em sala de aula, ou seja, requer que “[...] o professor seja capaz de articular novas formas de aproximação à realidade presente com o ensino da disciplina em sala de aula.” (DMITRUZ 1998, p. 63). Ao se considerar o consumo do livro didático, não se pode desconsiderar ou omitir o poder do professor de escolher como trabalhar.

Segundo Schmidt (2002, p. 57), “[...] ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de história, temas em problemáticas.” Para tanto, existe a necessidade de utilizar materiais que permitam o entendimento dos alunos e a problematização no contexto atual.

Para tal, cabe ao professor escolher os recursos metodológicos e problematizá-los para que o aluno tenha melhor compreensão da história, pois “[...] é importante conhecer o passado para compreender melhor o presente, para saber em que estamos dando continuidade a ele, em que estamos nos separando dele.” (LE GOFF, 2003, p.9). É necessário despertar nos educandos o prazer e a curiosidade para que eles compreendam a importância de estudar História.

Portanto, é preciso encarar a história nos mais diferentes espaços, como um diálogo entre o passado e o presente, desprendendo-se dos livros didáticos. Os professores precisam criar as condições iniciais para a formação e/ou transmissão do conhecimento histórico. Lembrando que, com a ascensão do uso da tecnologia e dos meios de comunicação, torna-se obsoleto utilizar somente um único recurso, já que a realidade do educando, muitas vezes, é outra.

Os educandos não são integrantes de um grupo homogêneo, mas pertencem a diferentes grupos sociais, diferentes etnias e culturas; suas ações não são previsíveis, nem suas atitudes podem ser analisadas sob o mesmo ângulo.

Há uma necessidade de material comum a todos; nos livros didáticos as leituras também são acessíveis e “[...] tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver.” (CAGLIARI, 1992, p. 149), portanto, há necessidade de ampliar essa leitura com outras fontes e/ou linguagens. Cabe, então, ao educador não apresentar a história de forma linear, objetiva e com um único recurso didático. O ideal é que o professor procure utilizar e citar outras fontes, avançar no contexto do livro, pois não há método ou livro que seja completo o bastante para atender a todos os aspectos e aos alunos.

Como lembra Wasserman (2000, p. 255), “O profissional responsável não está em busca de um livro didático padrão, ideal, mas é capaz de manter atualizado e vivo o conhecimento da trajetória da disciplina e os debates que concederam à história o estatuto da ciência da sociedade,” ou seja, o professor precisa desprender-se de um único método ou linguagem de ensino, como se ele fosse o ideal, e ser capaz de buscar alternativas atualizadas para discutir o contexto histórico.

Pode-se problematizar as próprias imagens, mapas e gráficos trazidos pelo material didático, apresentados normalmente como mera ilustração, detendo-se não apenas ao texto escrito, mas tratando como fonte as demais linguagens.

3 O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DE OUTRAS LINGUAGENS

Para criar essas condições iniciais que possibilitem ao aluno compreender os conhecimentos de história, Bittencourt (2005, p. 353) aponta diversas linguagens que podem auxiliar o professor em sala de aula, como fotografias, imagens, filmes, entre outras, abrindo um leque de possibilidades tanto para pesquisadores quanto para professores de história:

Imagens diversas produzidas pela capacidade artística humana também nos informam sobre o passado das sociedades, sobre suas sensações, seu trabalho, suas paisagens, caminhos, cidades, guerras. Qualquer imagem é importante, e não apenas aquelas produzidas por artistas. Fotografias ou quadros registram as pessoas, seus rostos e vestuários e são marcas de uma história. Produções modernas, como filmes, registram a vida contemporânea e reconstróem o passado, revivendo guerras, batalhas e amores de outrora, ou ainda imaginam o tempo futuro [...] Os filmes não são registros de uma história tal qual aconteceu ou vai acontecer, mas representações que merecem ser entendidas e percebidas não como diversão, mas como um produto cultural capaz de comunicar emoções e sentimentos e transmitir informações.

Portanto, é possível e necessário aprofundar o uso de diferentes linguagens nas aulas de História, pois uma ilustração contida no livro didático não pode funcionar como suporte ao texto escrito se não for analisada adequadamente.

Caimi (2008, p. 111) também aponta que as “[...] fontes iconográficas, como pinturas, charges, caricaturas, monumentos e grafites, são tendências em expansão [...]”, têm se tornado inesgotáveis fontes metodológicas para o encantamento nas aulas de História. Para tal, as fontes necessitam de tratamento adequado, conforme os instrumentos historiográficos. Mesmo se tratando da educação básica, não se podem abandonar aspectos de pesquisa inerentes à história.

Ao tratar do uso iconográfico, de acordo com Catelli Junior (2009, p. 18):

Qualquer imagem, seja pintura, fotografia ou uma propaganda, pode ser utilizada como fonte de reflexão e informação histórica. No entanto, é preciso não reduzi-la a uma mera ilustração ou tomá-la como verdade absoluta. Trabalhar com imagens deve ser, antes de tudo, um exercício do pensar, de elaborar argumentos e construir hipóteses e ideias a partir de elementos dados.

Não se pode tomar as imagens como fontes únicas, pois representam um olhar cheio de intencionalidades sobre determinado fato histórico, uma vez que o artista representa e interpreta a realidade segundo seu estilo e movimento artístico. Uma fotografia é um fragmento que o fotógrafo determinou como importante, traduzindo as ideias de quem as produziu. Segundo Catelli Junior (2009, p. 18), “[...] assim como o conhecimento histórico é subjetivo, as imagens também o são. Todo o texto e toda a imagem carregam consigo a visão de mundo de seu autor.”

Por conseguinte, faz-se necessário conhecer o contexto histórico em que se produziu a obra, época em que viveu o autor da imagem e suas opções e inserções políticas e ideológicas ou culturais, para chegar mais perto de sua interpretação dos fatos retratados nas obras. Para o professor, é possível trabalhar história regional, por exemplo, utilizando-se desse material, buscando, juntamente com os alunos, material nos acervos familiares.

Há a possibilidade de uma aproximação transdisciplinar entre literatura e história. Porém, deve-se lembrar da subjetividade ao se falar da literatura, pois esta não tem compromisso com a pesquisa científica ou com a verdade objetiva dos fatos como na história, porém, nenhum documento pode dizer mais do que o autor pensa, e este carrega consigo impressões do tempo em que viveu.

Segundo Ferreira (1994, apud PINSKY; LUCA, 2009, p. 67): “Toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos.” As obras literárias são uma construção, ou uma forma de expressão, que manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e de grupos.

Assim, para Catelli Junior (2009, p. 18), “[...] não é impossível utilizar a literatura como material de trabalho do historiador”, ou do professor em suas atividades didáticas, como uma forma de contribuição de conhecimento.

O autor também enfatiza vários exemplos de autores da literatura brasileira que podem ser usados nas aulas, em que trechos dos romances e contos descrevem o cotidiano e fazem interpretações do mundo em que viveram. É o caso de Machado de Assis que conheceu a sociedade imperial e as primeiras décadas republicanas, e no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* faz referência à escravidão, assunto também tratado por Gilberto Freyre, em *Casa-grande & senzala*.

Outra linguagem que pode ser utilizada são as histórias em quadrinhos, mesmo relacionadas ao universo de ficção e, muitas vezes, com um apelo cômico, podem ser usadas como instrumentos de reflexão, “[...] podem ser considerados, assim como a literatura, como uma forma de expressão dos homens de seu tempo” (CATELLI JUNIOR, 2009, p. 74). A tirinha é uma modalidade de história em quadrinho, e possui diferentes gêneros: político, social, do cotidiano e de retratos.

Ao se utilizar tiras em sala de aula, dialoga-se com um artista que demonstrou sua insatisfação, descontentamento, ou seja, fez de sua obra um instrumento de crítica, como é o caso do argentino Quino, nos anos de 1960, que utiliza a personagem Mafalda para criticar a Guerra Fria.

Outro exemplo de tirinha é o Asterix, na qual o centro da história é Roma. Nesse caso, o cenário é muito importante e pode ir muito além de preencher um espaço vazio ou dar noção deste, pois pode representar o mundo por meio da reconstituição de lugares históricos, de edificações ou monumentos de valor simbólico, e mesmo de lugares comuns, como subúrbios, bairros, ruas, em que se estabelece uma ponte entre o universo da ficção e o universo real, proporcionando ao aluno uma melhor compreensão do conteúdo trabalhado.

Os quadrinhos popularizaram-se com o crescimento da indústria jornalística. Na Segunda Guerra Mundial, as tiras foram usadas ideologicamente, como explica Feijó (1997, p. 40): “Os super-heróis serviram como armas ideológicas junto à juventude norte-americana e dos países aliados. O melhor exemplo deste processo foi o Capitão América, de Joe Simon e Jack Kirby, lançado em outubro de 1941.” Como todo recurso pedagógico, as histórias em quadrinhos exigem planejamento, ajustamento do material ao conteúdo a ser trabalhado identificando a finalidade de seu uso. Por outro lado, existem publicações de quadrinhos criados já com a finalidade de servir de instrumento de ensino, como a história do processo de independência, criada pelos historiadores Miguel Paiva e Lilia Schwarcz, disponíveis na internet. Na sala de aula, um dos desafios é trabalhar com a dupla linguagem das histórias em quadrinho, texto e imagem, segundo Iannone (1994, p. 21), “[...] é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto [...]” É possível realizar atividades com todas as faixas etárias, podendo ser criadas pelos alunos novas tiras e personagens de outros períodos, realizando interpretações e construção de histórias em quadrinhos.

O uso do cinema também parece ser um recurso de ensino bastante atrativo aos alunos, porém, não pode ser substituto de textos, nem ser visto como aula expositiva. Com as possibilidades, tanto para o pesquisador quanto para o professor, abertas pela Nova História, o cinema também passou a ser tratado como um agente transformador da história e como registro histórico, mesmo que ele sempre tenha sido um veículo de comunicação de massas, passa a ser uma tendência de pesquisa ou um documento histórico. De acordo com Marc Ferro (1977, p. 86):

[...] o filme pode tornar-se um documento para pesquisa histórica na medida em que articula ao contexto histórico e social que o produz um conjunto de elementos intrínsecos à própria expressão cinematográfica. Essa definição é o ponto de partida que permite tirar o filme do terreno das evidências: ele passa a ser visto como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento.

Para o professor, torna-se conveniente trabalhar com produção cinematográfica, por ser uma representação do passado, porém, ela deve ser problematizada para que não se torne verdade única de um fato histórico, mas uma interpretação de quem a produziu. De acordo com Abud, Silva e Alves (2010, p. 166), “[...] apesar da tentativa de reconstruir ou explicar o passado, o que assistimos nos filmes remete às representações e ao conhecimento histórico de seus criadores.” Eles salientam que, “[...] no ensino de história, podemos utilizar, basicamente dois tipos de filmes: documentário e ficção histórica.”

Para que se possa usar o cinema como recurso didático no ensino de história, o filme não pode ser exibido como mera ilustração dos conteúdos. Assim, Abud, Silva e Alves (2010, p. 171) apontam que:

Para que uma proposta didática de uso do filme em sala de aula se efetive, é necessário recorrer, assim como quando usamos a fotografia como documento, a textos e pesquisas de outras fontes documentais, processo no qual o papel condutor do professor é primordial [...] o que nos permite despertar nos alunos uma série de operações mentais que estimulam a análise das relações entre as diferentes causas das mudanças históricas.

Portanto, é importante que o professor utilize o filme como um recurso didático, já que ele se faz muito presente no dia a dia dos alunos, porém, é preciso tomar cuidado com as limitações do filme e relacioná-lo com outros documentos, promovendo, assim, a reflexão histórica sobre o assunto abordado.

Outro recurso didático é a música; trabalhar com a música em sala de aula não possibilita somente ampliar a variedade de linguagens, mas a descoberta de novos caminhos de aprendizagem. É uma maneira de despertar no aluno outras formas de conhecer, interpretar e sentir, pois a música está presente no cotidiano. Se aos alunos fossem indagados: “Qual sua música preferida? Quem sabe cantarolar alguma?” Todos saberiam. A música é utilizada para representar o cotidiano, os sentimentos, a religião, a pátria. Para Abud e Glezer (apud ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 59), a música é um:

[...] produto social [...] que representa modos de ver o mundo, fatos que acontecem na vida cotidiana, expressa indignação, revolta, resistência, e mesmo que tenha um tema específico, ela traz informações sobre um conjunto de elementos que indiretamente participam da trama. No Brasil, a música popular é especialmente importante porque, para a maioria da população, as formas de comunicação oral são muito mais fortes que a escrita.

A música é uma linguagem, portanto, é preciso criar espaços de diálogo a respeito dela, pois como toda a linguagem, cada povo, grupo social ou indivíduo possui sua expressão musical. (ABUD; SILVA; ALVES, 2010). De qualquer maneira, criam-se representações e interpretações diante de uma música. O professor tem que tomar alguns cuidados, pois para os jovens a música é uma forma de comunicação, mas ao trabalhar com ela em sala de aula, estará abrindo novos horizontes para o aluno, permitindo que este adentre à história de outro tempo e espaço com uma

linguagem que já se faz presente em seu cotidiano, talvez não da mesma forma, ou manifestação, podendo provocar impactos e/ou desconfortos.

Segundo Abud, Silva e Alves (2010, p. 62), “Outro aspecto fundamental na relação entre História, música e processo de aprendizagem é a articulação entre texto e contexto, para que a análise histórica não seja reduzida, limitando, assim, a própria importância do objeto analisado.” O desafio é mapear os sentidos embutidos na música, sua inserção na sociedade e a história no período em que foi produzida.

Outro problema encontrado é a falta de percepção cultural por parte dos alunos, principalmente quando o objeto de estudo se encontra distante no tempo. É comum os alunos rejeitarem músicas que foram gravadas e fizeram sucesso em outros tempos, para eles, distantes do cotidiano. Dessa forma, cabe a habilidade do professor em apresentar a música e o contexto histórico em que ela foi produzida.

Portanto, o exercício de análise e a identificação da mentalidade predominante em determinada época são fundamentais para a compreensão da linguagem musical no ensino de história.

De acordo com Catelli (2010, p. 141), “[...] estudar a história do homem inclui tudo o que contribui para refletir acerca da experiência humana em um determinado tempo e espaço.” Assim, a história não se limita ao estudo de fatos econômicos e políticos, mas se insere em uma dimensão mais ampla artística, religiosa e cotidiana. Pode-se, assim, estudar, por exemplo, o período da Ditadura Militar no Brasil, no qual a música é utilizada como conhecimento histórico, por ser a forma encontrada por grupos de esquerda para se opor ao Governo, ou também por se produzir a música para “agradar” o Regime.

Entre os conteúdos aos quais os professores de história mais recorrem à música como recurso metodológico, está a Ditadura Militar e a resistência a ela feita por meio da Música Popular Brasileira (MPB). Após o Golpe Militar em 1964, muitas entidades que estavam articuladas, engajadas, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), o Pacto da Unidade e Ação (PUA) foram extintas ou caíram na clandestinidade, e, em 1968, os estudantes passaram a representar o maior inimigo do Regime Militar. Muitos desses estudantes passaram a buscar alternativas para protestar contra o Governo e, uma forma encontrada foi a *música*. Por meio dos festivais, a MPB chega às massas populares, ameaçando-o, e a censura passou a ser a melhor forma para o Governo conter movimentos como o da Tropicália; muitos versos e músicas da MPB foram vetadas.

Com o AI-5 em 1968, a censura foi institucionalizada, porém, antes disso, alguns representantes da MPB, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tanguara e Geraldo Vandré, já eram vistos como inimigos do Governo.

Muitas músicas podem ser analisadas em sala de aula para trabalhar o período histórico. Existem várias formas de abordagem da música como recurso didático, porém, primeiramente, é necessário saber qual conteúdo será indicado para o desenvolvimento do plano de ensino e da aula.

Na preparação dos planos de ensino, o professor deve considerar a estrutura da escola, os materiais didáticos disponíveis e as possibilidades de enriquecê-los com atividades diversas, facilitando o aprendizado do aluno e despertando neste o gosto pela história estudada. Com o apoio do livro didático, pode-se conduzir o processo de ensino-aprendizagem analisando e problematizando imagens, documentos, mapas, filmes e músicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Nova História, com Febvre (1949 apud LE GOOF, 2003, p. 107) “[...] a história fez-se [...], com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa sua presença, atividades, gostos e maneiras de ser.” Muito do conhecimento histórico construído está em constante mudança e reelaboração com a descoberta de novos documentos, que colocam ao historiador informações ainda desconhecidas.

Muitas dessas informações ou fontes levam muito tempo até chegar aos materiais didáticos e, muitas vezes, quando chegam, não são trabalhadas adequadamente, mas é a partir dessa concepção da Nova História que são construídas as sugestões de atividades que serão analisadas pelo professor e pela escola como pertinentes ou não para serem trabalhadas no ano letivo.

É plausível lembrar que, quando trata-se de escola, não estão se abordando somente os professores. A prática docente vai muito além das salas de aula e deve ser planejada. Cobra-se que “[...] o professor seja capaz de articular

novas formas de aproximação à realidade presente com o ensino da disciplina em sala de aula.” (DMITRUK 1998, p. 63). Porém, esse planejamento não é somente do professor, mas da escola, do gestor e da comunidade escolar.

Os objetivos das instituições escolares são: aprendizagem, formação para a cidadania, valores e atitudes. O sistema de gestão da escola é o conjunto de ações, recursos, meios e procedimentos que propiciam as condições para alcançar esses objetivos. A organização escolar refere-se aos princípios e procedimentos relacionados à ação de planejar o trabalho da escola, racionalizar o uso de recursos, coordenar e avaliar o trabalho, visando aos objetivos do seu plano de ação.

Assim, a grande dificuldade na tarefa de ensinar, não somente em História, mas de modo geral nas escolas, pode se resumir no compromisso social que cada um dos professores têm, ao assumir a atividade docente, bem como das instituições formadoras, da valorização profissional por parte dos órgãos públicos e da forma como a sociedade se compromete efetivamente com a educação e com o próprio ensino-aprendizagem dentro da escola.

La enseñanza de la historia hoy día: metodologías y lenguajes

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo analizar las posibilidades de metodológica y didáctica de la lengua que facilitan la enseñanza de la historia en el aula para los estudiantes de primaria y secundaria. Con cambios en los conceptos de la búsqueda de la historia, desde la nueva historia y por consiguiente la ampliación de fuentes de investigación, permitió una nueva mirada sobre el pasado, presente y futuro. Los materiales didácticos también fueron adquiriendo nuevos enfoques con nuevas metodologías y diferentes idiomas, llegó a ser posible para el profesor al uso de materiales o tecnologías disponibles en la vida cotidiana para hacer concesiones entre la realidad del estudiante con los contenidos estudiados en el aula. A menudo con el apoyo del libro de texto se puede llevar el proceso de enseñanza y aprendizaje, analizando y cuestionando imágenes, documentos, mapas, películas y canciones. Sin embargo, esas fuentes requieren tratamiento apropiado, como los instrumentos históricos, porque incluso cuando se trata de la educación básica, no puede abandonar la investigación aspectos inherentes a la historia.

Palabras clave: Enseñanza. Historia. Lenguajes.

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M.; SILVA, A. C. de M.; ALVES, R. C. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BITTENCOURT, C. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1992.

CAIMI, F. E. **Aprendendo a ser professor de história**. Passo Fundo: Ed. UPF, 2008.

CATELLI JUNIOR, R. **Temas e linguagens da história: ferramentas para a sala de aula no ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009.

DMITRUK, H. B. **A história que fazemos**. Chapecó: Grifos, 1998.

FEIJÓ, M. **Quadrinhos em ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997.

FERRO, M. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

IANNONE, R. A. **O mundo das histórias em quadrinhos**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1994.

LE GOFF, J. **História e memória**. 6. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

SCHIMIDT, M. A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

WASSERMAN, C. O livro didático: aspectos teórico-metodológicos relevantes na sua produção. In: GUAZZELLI, C. A. B. et al. (Org.). **Questões de teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.